

O termo biblioteca apareceu na Grécia com o significado de "cofre do livro" e, por extensão, designando o local onde os livros eram conservados, bem assim como as colecções de livros em si mesmas.

Além da componente patrimonial - conservação da memória colectiva, através da informação registada em suportes materiais - também, desde as origens, a função "serviço" - uso e pesquisa de informação - surge implícita no conceito de "biblioteca". Já na Antiguidade temos, portanto, perfeitamente conceptualizada uma realidade, que progressivamente se complexificou, tornando nítidas as suas componentes próprias, que permitem hoje afirmar, sem receio, que o conceito define um **sistema de informação** específico.

A biblioteca repositório de livros vieram a juntar-se, ainda na Idade Moderna, os periódicos e, após a revolução industrial de Oitocentos, novos suportes materiais, em que a imagem e também o som se converteram em meios de registo da informação. Em face desta evolução surge, em finais do século XIX, o Instituto Internacional de Bibliografia (mais tarde Instituto Internacional de Documentação) e começa a tomar forma o termo "documentação", para designar os suportes informativos distintos do livro, embora este não se exclua do seu âmbito.

A vulgarização dos novos suportes veio aliar-se, no século XX (em especial após a 2ª Guerra Mundial) um outro fenómeno, que ficou conhecido por "explosão documental", ou seja, a produção em massa de todo o tipo de registos informativos, incluindo os novíssimos documentos informáticos, hoje vulgarmente designados por "electrónicos". Todas estas alterações traduziram-se, naturalmente, em desenvolvimentos vários, a partir da "velha" biblioteca. Alterou-se, especialmente, a função "serviço" e nasceram bibliotecas especializadas (centros de

documentação ou serviços de informação) quer quanto ao conteúdo - bibliotecas médicas, bibliotecas de artes, bibliotecas de química, etc. - quer quanto ao tipo de suportes informativos - hemerotecas, fonotecas, discotecas, mediatecas, ludotecas, etc. A especialização tem sido de tal ordem que, a componente patrimonial se tem anulado substancialmente, havendo casos em que apenas se valoriza a questão do acesso à informação, para servir com o máximo de eficiência os utilizadores. Tem-se designado por "gestão da informação" o conjunto de operações aplicadas no tratamento técnico do conteúdo informativo dos suportes, que dão corpo a serviços com estas características. Eles têm tido especial desenvolvimento em áreas científicas e técnicas, como apoio imprescindível à investigação, usando e "abusando" da electrónica e da telemática como meios de registo e troca de informação. Assim surgem as chamadas "bibliotecas virtuais" em que a componente patrimonial *in loco* foi excluída, embora ela exista algures, pois é um dos factores *sine qua non* para a definição do conceito. Ao longo dos tempos mudaram os meios, evoluíram as técnicas, especializaram-se, conforme os casos, as componentes "de conservação" ou "de serviço", chegando mesmo a extremar-se situações. Mas o "velho" conceito de biblioteca, esse, mantém-se inalterável na sua essência, se o pensarmos como equivalente a sistema de informação. Se assim não fosse, onde encontraríamos o objecto de estudo da Biblioteconomia, que hoje vemos afirmar-se como uma das Ciências da Informação? Um percurso epistemológico nesta área demonstrará, necessariamente, a permanência desse mesmo objecto e os fundamentos científicos da disciplina. Os novos termos podem traduzir *nuances*, mas não é aceitável que desvirtuem o essencial. *Bibliotheca* ontem, serviços de informação (ou mais especificamente ainda, de ICT = informação científica e técnica) hoje, são termos equivalentes

que, *mutatis mutandis*, correspondem a um mesmo conceito. Daí que, o bibliotecário, o documentalista ou o gestor da informação de hoje mais não sejam do que a versão moderna do *bibliothecarius* de outrora.

Fernanda Ribeiro